

A HISTÓRIA DOS ATOS DE PRIMEIRO DE MAIO DA CUT NO CEARÁ: As propagandas em jornais, a luta ideológica pelo Primeiro de Maio – Lindericy Francisco Tomé de Souza Lins – Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O presente texto, fruto de nossa pesquisa sobre a história dos atos Cutistas de Primeiro de Maio ao longo de sua existência, busca compreender a luta de classes, num ângulo da superestrutura de poder, através de disputas ideológicasⁱ, expressadas nas diferentes concepções apologéticas do Dia Primeiro de Maio. Apreciamos, neste artigo, as notas pagas, propagandas empresariais, sindicais e governamentais publicadas nos dois hebdomadários cearenses *O Povo* e *Diário do Nordeste* sobre os atos do dia do trabalhador, no período de 1985 a 1992.

Como complemento das notícias em jornal, observamos também outros espaços que se relacionam diretamente com o conteúdo político do Primeiro de Maio. As notas e/ou publicidades veiculadas nos periódicos cearenses. Com a função de suplementar as reportagens, essas propagandas disputam o mote ideológico do Dia do Trabalho, cada uma, ao seu modo, buscando cooptar para a sua linha de pensamento, a sociedade leitora de jornais, que engloba, em sua maioria, trabalhadores urbanos de todas as classes sociais. Como parte da pesquisa, catalogamos todas as notas publicitárias do período de 1985, ano em que se iniciou de uma forma sistemática, a publicação de notas referentes ao Dia do Trabalho, até 1992, período em que abordamos os atos nesse artigo.

A inovação vista nos jornais foi a constante divulgação de notas e propagandas em jornal, tanto pelo poder público, quanto por empresas privadas e entidades sindicais. A CUT, até aquele momento, cometeu o erro tácito de não aproveitar o ensejo do dia para divulgar qualquer nota a respeito do Primeiro de Maio com o intuito da contraposição à propaganda governamental.

Essas propagandas, antes esquecidas pelo próprio dia do Trabalho não fazer um real sentido em tempos de ditadura, por não ser comemorado nas ruas pelos sindicatos e movimentos populares, ganhou, a partir de 1985, uma outra conotação. Políticos, bem como suas máquinas administrativas, seguidas por empresas privadas, utilizavam o jornal com a finalidade de divulgar seus feitos ou prestar “homenagens” aos trabalhadores, numa clara tentativa de desmobilização da classe trabalhadora e camponesa.

AS NOTAS PUBLICITÁRIAS GOVERNAMENTAIS/EMPRESARIAIS: A COOPTAÇÃO BURGUESA DO DIA DO TRABALHO.

Nos jornais de 1985, podemos observar 3 notas públicas, a do Senador César Cals, outra de seu neto, o Prefeito Biônico César Cals Neto e uma do Governo do Estado, sob a gestão do “Totó” Gonzaga Mota. Nessas notas, nitidamente, de governos que não representavam, nem de longe, as aspirações da maioria da sociedade, tampouco, as dos trabalhadores, observamos que essas autoridades, a serviço da classe patronal e das velhas oligarquias cearenses, tentavam, com efeito,

ludibriar e cooptar a classe trabalhadora para o caminho do pacto social capital-trabalho, da desmobilização de classeⁱⁱ.

No conteúdo das notas, ficou claro que o importante do dia do trabalho era o próprio ato de trabalhar para o engrandecimento do país, velando, conscientemente, que o dia do trabalho não foi forjado sob essa conotação. A partir de 1985, os governos sempre tornarão a divulgar notas e propagandas publicadas nos jornais da cidade sobre o dia do Trabalho, sobretudo no momento em que os “Chicago Boy’sⁱⁱⁱ” do CIC^{iv} assumiam o poder, cairemos então, nas garras do marketing político, cujo laboratório ocorreu no Ceará, exportando esse modelo de política para o resto do Brasil.

Com a chegada de Tasso ao poder, nota-se um cuidado maior em relação às propagandas do Dia do Trabalho. O governo do Estado aproveitava o feriado para lançar suas propagandas sempre com o eixo do trabalho para o engrandecimento do Estado, com a participação de todos em favor do crescimento, das mudanças^v etc. Para ilustrarmos nossa afirmação reportamo-nos a alguns exemplos das propagandas governamentais. No segundo ano da primeira administração Tasso Jereissati, em 1988, em propaganda veiculada nos órgãos de imprensa escrita lia-se: “Governo Tasso”, em vez de “Governo do Estado do Ceará”, nos mostrando um alto grau de personificação sobre a instituição Governo do Estado.

Na referida propaganda, era enaltecido o “Governo Tasso” como caçador de funcionários fantasmas, como um grande reordenador da máquina pública, bem como, um realizador de inúmeras obras públicas.

Não somente a cooptação foi retratada nos jornais, a coação contra greves ou sublevações também ficou bem expressa, vejamos uma nota elaborada pelo então Prefeito de Fortaleza, e governador do Ceará^{vi}, Ciro Gomes.

Em nota, foi aludido que o Dia do Trabalho não era exclusivamente uma festa operária, mas também, uma festa de cunho religioso, e por deter essa conotação, deveria ser ordeira e amistosa. Vale aqui ser reproduzido alguns trechos^{vii}:

Na data de hoje, quando também comemoramos a festa litúrgica de São José operário, devemos renovar a nossa esperança num futuro melhor.....

Por amor ao Brasil e particularmente ao Ceará, e por motivos religiosos, vamos suprimir em nossas atividades o que conduz à anarquia, valorizando a liberdade em seu conceito mais autêntico, elevando a família à posição que lhe compete.

Vimos assim, a utilização de argumentos e valores tradicionais da provinciana Fortaleza, com a sórdida tentativa de intimidar a qualquer manifestação mais radicalizada do movimento operário cearense, fazendo-nos recordar, com ojeriza, às antigas práticas do sindicalismo católico pacificador das classes de Severino Sombra, da Legião Cearense do Trabalho.

Seguindo o mesmo raciocínio dos governos de direita, as propagandas empresariais, destacadamente as do Grupo J. Macedo^{viii}, um dos maiores conglomerados industriais do Ceará vão fazer parte do “anti-dia do Trabalhador”. Nessas propagandas, observou-se que o referencial é o emprego, em outras palavras, o ato de estar empregado é o mais importante para todos, numa tentativa de coação subjetiva muito comum pelos donos do capital, com a intenção de demonstrar ao trabalhador que este era um felizardo e, por essa razão, deva-se dar por satisfeito com seu emprego, salário e condições de vida, diga-se de passagem, por mais péssimas que possam se apresentar, por existir um enorme exército de reserva, ou seja, vários trabalhadores como ele, desempregados, a espera de uma oportunidade cada vez mais difícil.

Sempre com ótimas propagandas publicitárias, em termos de qualidade gráfica e criatividade, o eixo dessas era o mesmo: a pressão pelo crescimento econômico brasileiro.

Em um dos anúncios, de 1990, vemos uma propaganda que solicita o célere crescimento econômico do país: “*trabalho ainda é o melhor remédio para a crise*”. Em outro, já no ano de 1991 observamos uma foto de fundo com um mendigo dormindo num banco de praça coberto por jornais, e a frase, com um trocadilho muito bem elaborado, estampava: “*Para alguns o 1º de maio é como se fosse o 1º de abril*”, após essa frase a empresa demandava o fim da recessão econômica do país com objetivo do setor produtivo empregar uma maior quantidade de mão-de-obra^{ix}. Em anúncio de 1992, compostos de 2 quadros onde se via, num quadro a frase: “*Feliz do povo que tem seguro desemprego*”, e no outro, ao lado: “*Feliz do trabalhador que não precisa dele*”.

A CURTA CONTRA-OFENSIVA DO MOVIMENTO SINDICAL

Se de um lado, vimos à tentativa dos burgueses em construir um “Dia do Trabalho”, sob a perspectiva dos empresários, do outro, a contra ofensiva do movimento sindical buscando construir o que verdadeiramente se refere o Primeiro de Maio, como o “Dia do Trabalhador”, de concepção operária. A CUT contou por três anos com uma grande aliada na divulgação do Primeiro de Maio como um dia de luta dos trabalhadores: A Prefeitura de Fortaleza^x.

Eleita pelo PT, em 1985, assumindo no ano seguinte, a Prefeita Maria Luiza soube muito bem utilizar os espaços midiáticos, através da instituição de poder municipal, com a finalidade de veicular mensagem de cunho politizado sobre o dia Primeiro de Maio.

Nos anos Maria Luiza (1986 a 1988) no Dia do Trabalho sempre havia uma mensagem sobre o sentido da data, resgatando a memória do movimento operário, às vezes, conjuntamente com uma plataforma política de ruptura. Lia-se, por exemplo, em 1986 em nota lançada nos jornais, um

amplo programa político defendido pela gestão Maria Luiza, como: eleições diretas para Presidente da República, amplas liberdades políticas, rompimento com o FMI, não pagamento da dívida externa, jornada de trabalho de 40 horas semanais, verbas para a prefeitura, dentre outras reivindicações bastante radicais.

Em 1988, a nota da prefeitura falava em luta pelo socialismo, sendo a classe trabalhadora, o motor da história, responsável pelas transformações sociais. Por ser tão rara a menção em socialismo atualmente, mesmo em dias de festa, reproduzimos a nota abaixo como uma lembrança saudosa de uma época:

Hoje, é dia de lembrar uma velha palavra. Usadas muitas vezes para iludir os trabalhadores pelos eternos vendedores de ilusões. Hoje, é dia de lembrar e lutar por uma palavra. Para que ela seja posta em prática, em todos os lugares do mundo onde exista a exploração do trabalho.

Hoje, dia do trabalhador, é dia de lembrar a luta pelo socialismo. E todos aqueles que tombaram nesta luta. Porque existe uma classe que leva a história na mão. E nada poderá ser feito para deter a roda da história. 1º de maio – Dia do Trabalhador.

Sem a prefeitura de Fortaleza, a partir de 1989, sob o peso das falsas ilusões do “socialismo real” soviético, enterradas pelo fim do Muro de Berlim, os movimentos sociais, coagidos pelo fracasso do stalinismo, não mencionaram mais a palavra *socialismo* em notas em jornal, e o pior, as tais notas quase não existiram. Por parte da CUT, nenhuma nota foi divulgada em jornal até então. A únicas notas de sindicatos publicadas em jornal foram: uma do SINDELETRO (Sindicato dos Eletricitários), em 1990, protestando contra os abusos praticados pela companhia estatal de eletricidade COELCE, e outra nota do SINTAF (Sindicato dos Trabalhadores Fazendários), em 1991, divulgando campanha pela valorização do profissional fazendário, sem falar, contudo em mobilização ou greve pela valorização desta categoria.

Podemos concluir, que pelo menos nesse período, de 1985 a 1992, o movimento sindical, ainda combativo, não soube utilizar os diversos espaços que dispunham a fim de construir uma identidade de classe. Pecavam, pois, ao não perceberem que os meios de comunicação detinham e ainda detêm um peso relevante na sociedade. A construção de um dia referencial de luta não se resume apenas em convocar mobilizações com discursos fortes, é mister que o trabalhador participe ativamente de seu dia, sendo necessário um trabalho constante de formação político-sindical, com cursos, seminários, boletins, atos públicos, (e por que não?), propagandas em mídia, embora sendo onerosas para os orçamentos dos sindicatos, podem ser de grande valia, se conduzidas a um

direcionamento político definido, no sentido de formar uma classe operária consciente de sua importância no contexto das lutas sociais, e que eles, os trabalhadores, foram e continuam sendo o motor da história.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Jornais

O Povo, fortaleza (1983-1992)

Diário do Nordeste, fortaleza (1983-1992)

HOBBSAWN, E. **A Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)**, 2 ed. São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

MÉSZÁROS, I **O Poder da Ideologia**. São Paulo, Ensaio, 1996.

_____. **Para Além do Capital** trad. Sérgio Lessa, São Paulo, Boitempo, 2002

SOUSA, S et al. **Uma Nova História do Ceará**, 2ed. Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2002.

NOTAS:

ⁱ Nosso conceito de ideologia fica bem claro em MÉSZÁROS (1996:22): *Na verdade, porém, a ideologia não é nem superstição religiosa de indivíduos mal-orientados, mas uma forma específica de consciência social, materialmente ancorada e sustentada. Como tal, é insuperável nas sociedades de classe. Sua persistência obstinada se deve ao fato de ela constituir objetivamente (e constituir-se constantemente) como consciência prática e inevitável das sociedades de classe, relacionada com a articulação de conjuntos de valores e estratégias rivais que visam ao controle do metabolismo social sob todos os seus principais aspectos.*

ⁱⁱ Costumava-se realizar missas ao Dia do Trabalho. Essas cerimônias religiosas contavam com a presença da Tripartite (empresários, governantes e trabalhadores). Em 1983, por exemplo, uma manchete do jornal O Povo (02/05/1983 pág.7) reportava a presença do Prefeito César Cals e do Governador Gonzaga Mota, juntamente com trabalhadores, empresários e demais autoridades na “missa do trabalhador” na Catedral de Fortaleza.

ⁱⁱⁱ Uma alusão aos criadores do neoliberalismo chileno, oriundos da Escola de Chicago, conhecidos como *Chicago Boy's*, dentre eles, podemos destacar Milton Friedman, o articulador da destruição do ensino público e gratuito. No Ceará, Tasso Jereissati, representando a oligarquia do CIC implanta o neoliberalismo no Estado, servindo de laboratório para o Brasil, assim como o regime neoliberal no Chile de Pinochet serviu como laboratório para o mundo. Sobre o Chile (HOBBSAWN 2003:399) comenta: *Após 1974, os defensores do livre-mercado estavam na ofensiva, embora só viessem a dominar as políticas de governo na década de 1980, a não ser no Chile, onde após a derrubada do governo popular em 1973, uma ditadura militar terrorista permitiu a assessores americanos instalar uma economia de livre mercado irrestrita. (...)*

^{iv} Outro setor mobilizado contra o regime militar era o dos jovens empresários, que se manifestava contra a intervenção excessiva do Estado na economia, e pela volta ao regime democrático. No Ceará, empresários “progressistas” reuniram-se no Centro industrial do Ceará (CIC), entidade reativada em 1978 (GONDIM, L., 2002 Apud. MARTIN, 1993). GONDIM, L. Os “governos das mudanças” (1987-1994). In: SOUSA et. Al. *Uma Nova História do Ceará*, 2ed. Fortaleza, Ed. Demócrito Rocha, 2002.

^v Em 1/05/1991, o *slogan* da propaganda do Governo era: “Ceará: um trabalho feito a muitas mãos”. (jornal O Povo)

^{vi} Ciro renunciou ao cargo de Prefeito de Fortaleza para concorrer à eleição para governador do Estado, em 1990, vencendo-a.

^{vii} Diário do Nordeste, Fortaleza, 1 de maio de 1990, pág. 6.

^{viii} Este grupo, cujo presidente, Amarílio Macedo, um dos jovens empresários do CIC apoiadores de Tasso, é um dos maiores do Brasil, possui moinhos de trigo, fábricas de alimentos, tintas, concessionárias de automotores, imobiliárias, construtoras etc.

^{ix} Mais uma vez, os grupos empresariais e seus aliados nos governos, veiculam a falsa idéia de que basta o crescimento econômico para o nível de emprego aumentar, na verdade, boa parte dos desempregados é fruto do reordenamento das forças produtivas, que a cada dia, reformulam a produção com equipamentos mais modernos, dispensando a mão-de-obra, (MEZSAROS 2002), ao comentar sobre a crise estrutural do sistema de capital, cita MARX em sua famosa obra “Grundrisse” para comprovar tal afirmação: (...) *Daqui a tendência do capital de simultaneamente aumentar a*

produção trabalhadora assim como de reduzir constantemente uma parte como reserva. É o aumento da própria população o principal meio para reduzir a parte necessária. (MARX, 1973. In: MEZSAROS, 2002)

^x Embora fosse um Governo limitado, repleto de contradições, Maria Luiza conseguiu se eleger sob um manto ideológico muito significativo: o da ruptura, como podemos perceber nas propagandas do 1º de maio de 1986 (primeiro ano de sua administração), já mencionada neste texto. Foi uma surpresa para todos ver uma prefeita de esquerda com um programa político radical, governar uma capital importante no Brasil.